

C U R S O S E C O N G R E S O S

Santiago de Compostela
14-17 de junio de 2022

**XX Congreso Internacional
de Investigación Educativa
III Encuentro Internacional
de Doctorandos/as
e Investigadores/as Noveles
de AIDIPE**

Libro de actas



EDICIÓN A CARGO DE
Ana M.^a Porto Castro
Jesús Miguel Muñoz Cantero
Camilo Isaac Ocampo Gómez

UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

publicacíons

EDUCACIÓN INCLUSIVA Y EQUITATIVA DE CALIDAD

XX Congreso Internacional de Investigación Educativa

III Encuentro Internacional de Doctorandos/as e Investigadores/as Noveles de AIDIPE

Santiago de Compostela,
14-17 de junio de 2022

LIBRO DE ACTAS

EDICIÓN A CARGO DE
Ana M.ª Porto Castro
Jesús Miguel Muñoz Cantero
Camilo Isaac Ocampo Gómez

Coa colaboración de

M.ª Josefa Mosteiro García (Universidade de Santiago de Compostela)

Beatriz García Antelo (Universidade de Santiago de Compostela)

Irene Moreno-Medina (UAM)

Claudia M.ª Guiral Borruel (Universidad Autónoma de Madrid, España)

Cynthia Martínez-Garrido (Universidad Autónoma de Madrid)

Ignacio Lizana Peinado (Universidad Autónoma de Madrid, España)

Promove

Asociación Interuniversitaria de Investigación Pedagógica (AIDIPE)

© Universidade de Santiago de Compostela, 2023

Deseño e maquetación

Paula Cantero

Origami Estudio

Edición técnica

Edicións USC

Campus Vida

15782 Santiago de Compostela

usc.gal/publicaciones

ISBN 978-84-19679-54-3

DOI <https://dx.doi.org/10.15304/9788419679543>



O EFEITO DE ESPELHO DO PROGRAMA DE AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS. O OLHAR DOS INSPECTORES¹

ISABEL FIALHO

MARIA JOSÉ SILVESTRE

Universidade de Évora – CIEP, Évora (Portugal)

Resumo: Neste trabalho apresentam-se resultados de um estudo em que se dá a conhecer a opinião dos inspetores da Inspeção-Geral da Educação e Ciência sobre o efeito da Avaliação Externa de Escolas (AEE) na produção e (re)construção de (auto)conhecimento sobre as escolas avaliadas. Os dados foram recolhidos através de entrevistas realizadas a seis inspetores. A AEE é considerada, por todos os inquiridos, como a atividade da inspeção que maior impacto tem na comunidade educativa e constitui também, na perspetiva dos inquiridos, um instrumento fundamental para a tomada de decisões locais e de política educativa, permitindo ainda identificar as singularidades de cada escola. Considera-se que durante o processo de avaliação externa há lugar à produção de uma determinada imagem pública da escola e reforça-se a ideia de que a AEE é indutora de melhoria organizacional. Sublinha-se a mais-valia de algumas das alterações do Programa de AEE, relativamente ao referencial dos dois ciclos anteriores. Um desses aspetos é a observação da prática educativa e letiva. Este aspeto é considerado, por parte dos inquiridos, uma das alterações metodológicas do programa de AEE mais interessantes e impactantes. Também a autonomia do domínio da Autoavaliação é referida como uma das alterações a destacar. Estes dados são discutidos à luz de outros estudos de referência.

Palavras-chave: escola, avaliação externa, inspetor

Abstract: This paper presents the results of a study in which the opinion of inspectors from the General Inspection of Education and Science about the effect of the External Evaluation of Schools (EES) on the production and (re)construction of (self) knowledge about the evaluated schools is presented. For data collection, interviews were conducted with six inspectors. EES is considered by all respondents as the inspection activity that has the greatest impact on the educational community and is also, from the respondents' perspective, a fundamental instrument for local decision-making and educational policy, also allowing the identification of singularities from each school. It is considered that the external evaluation process produces a certain public image of the school. The idea that EES induces organizational improvement is reinforced. The added value of some of the amendments to the EES Program is highlighted, in relation to the reference of the two previous cycles. One of these aspects is the observation of educational and teaching practice. This aspect is considered, by the respondents, one of the most interesting

¹ Este trabalho está inserido no projeto de investigação financiado pela FCT: «Mecanismos de mudança nas escolas e na Inspeção. Um estudo sobre o 3º ciclo da Avaliação Externa de Escolas no ensino superior em Portugal» (PTDC/CED-EDG/30410/2017).



and impacting methodological changes in the EES program. The autonomy of the Self-Assessment domain is also mentioned as one of the changes to be highlighted. These data are discussed and compared with other reference studies.

Keywords: school, external evaluation, inspector

INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se no projeto de investigação «*Mecanismos de mudança nas escolas e na Inspeção. Um estudo sobre o 3.º ciclo da Avaliação Externa de Escolas no ensino superior em Portugal*» – MAEE². O estudo funda-se na intencionalidade de contribuir para o alargamento do conhecimento científico na área das metodologias qualitativas, centrando-se no Eixo 3. do AIDIPE, tendo como foco a avaliação parcelar do Programa de Avaliação Externa das Escolas (AEE) português.

Este Programa de AEE é da responsabilidade da Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC) e tem como objetivo a promoção da melhoria da qualidade do serviço educativo e do funcionamento das escolas. Encontra-se presentemente no 3.º ciclo avaliativo. O 1.º ciclo de avaliação deste processo decorreu entre 2006 e 2011, o 2.º ciclo avaliativo decorreu entre 2011 e 2017 e o 3.º ciclo teve início em 2018. O referencial que estrutura o processo de recolha de dados e apoia a elaboração do relatório devolvido às escolas tem evoluído, ao longo dos três ciclos de vida do programa. Atualmente, o referencial estrutura-se em torno de quatro domínios: autoavaliação, liderança e gestão, prestação do serviço educativo e resultados. As equipas que realizam a AEE são constituídas por dois inspetores da IGEC e dois peritos externos, normalmente académicos.

Este estudo dá conta da percepção de seis inspetores com experiência no 3.º ciclo da AEE, sobre esse programa.

MÉTODO

Centrámo-nos no paradigma interpretativista, tendo levado a cabo uma abordagem predominantemente qualitativa, que teve por base a análise discursiva, por considerarmos que seria esta a que melhor responderia aos objetivos da investigação.

Questões e objetivo do estudo

Com vista à explanação da temática selecionada para este estudo, focalizámos a nossa reflexão na busca de respostas para a questão de partida: «Como é percecionado pelos inspetores o efeito da AEE na produção e (re)construção de (auto)conhecimento sobre as escolas avaliadas?»

Daqui decorrem os dois objetivos desta investigação: (i) Conhecer a percepção dos inspetores, relativamente aos efeitos/impactos da AEE sobre a (auto)imagem da escola; (ii) Conhecer a percepção dos inspetores sobre os efeitos/impactos da AEE sobre a (re)construção do conhecimento que a escola e a comunidade têm sobre aquela.

² Projeto de investigação financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal (PTDC/CED-EDG/30410/2017).



Metodología

Metodologicamente, recorremos à análise de conteúdo de entrevistas semiestruturadas a seis inspetores da Inspeção-Geral de Educação e Ensino Superior (IGEC). Como critério para a seleção dos inquiridos foi definida a obrigatoriedade de ter experiência no 3.º ciclo do programa de Avaliação Externa de Escolas.

A recolha e a análise dos dados iniciaram-se após a produção da matriz de categorização, que incluiu a definição das subcategorias, usadas na análise de conteúdo (Bardin, 1995).

RESULTADOS

Considerando os objetivos do estudo, importa sublinhar que a análise discursiva revelou que a atividade de AEE é considerada, por todos os inquiridos, como a «atividade da inspeção que maior impacto tem na comunidade educativa» (E1) em particular e na sociedade em geral (E6), incluindo os «decisores políticos» (E3). Tal relevância advém do facto de a AEE ter a capacidade de tornar visível a toda a comunidade educativa aspetos que, de outra forma, estariam ocultados ou seriam desapercebidos dos atores escolares (E4) e de englobar «os diferentes aspetos do funcionamento das escolas» (E6), fornecendo delas uma visão global e tornando «transparente» (E3), aos olhos das comunidades educativas, o trabalho que as escolas realizam. Trata-se, para alguns dos inquiridos, da atividade da IGEC que produz «um retrato fiável da escola» (E1).

O grande objetivo da AEE é, para alguns dos inquiridos, provocar uma «interpelação» (E1) e, consequentemente, um *autoquestionamento intencional* (E1, E4, E3, E5). «Chegar alguém à escola que (...) tira [as pessoas] da sua zona de conforto poderá ter algum impacto, levar a uma melhoria do serviço que é prestado» (E1).

Nas relações da escola com a comunidade educativa, regista-se, por um lado, que a AEE tem a *capacidade de aumentar os vínculos afetivos entre a escola e a comunidade*: escola e comunidade revelam-se, nesta experiência da AEE, como entidades «parceiras» [«dá-me a sensação de que a colaboração [entre a escola e a comunidade] (...) é cada vez mais efetiva» (E2)]. Para tal contribui o facto de o Relatório da AEE ser tornado público (E4, E5, E6). Por outro lado, a AEE «tem vindo a ajudar a perceber a importância da escola para a comunidade e da comunidade para a escola» (E3).

A AEE constitui também, na perspetiva dos inquiridos, «um instrumento fundamental para a tomada de decisões» (E3, E4, E5, E6), quer internas [desocultando problemas desapercebidos pela escola (E4); obrigando a escola «a refletir, a questionar-se» (E4)], quer dos decisores políticos (E2, E3, E4, E5). Tal como é *um instrumento da tutela capaz de detetar e sublinhar as singularidades de cada organização escolar* (E2, E4). As unidades de gestão escolares têm a possibilidade, aquando da AEE, de «mostrar (...) algo de inovador (...) [que tenham criado] e de o partilhar [com outras escolas]» (E2), de dar a ver/conhecer «como é que (a escola) está efetivamente a funcionar» (E3), até porque o olhar treinado das equipas avaliativas permite-lhes ver não só «a que nos querem mostrar» (E3), mas também «a que efetivamente as escolas são» (E3) e aperceberem-se das estratégias «de marketing» (E3) que as escolas usam durante a intervenção avaliativa.

O percurso investigativo permitiu-nos perceber que alguns inquiridos consideram que, durante o processo de avaliação externa de uma escola, há lugar à *produção de uma «imagem pública da escola»* (E5) e que, ao longo do tempo, as escolas têm sabido produzir essa imagem pública de forma mais «autêntica e natural» (E4) e menos encenada ou teatralizada. A AEE



acaba por ter um papel «simbólico (...) que gera uma certa confiança social» (E4) relativamente ao trabalho que a escola produz.

O olhar que a AEE produz sobre cada unidade de gestão escolar chega, neste 3.º ciclo avaliativo, à sala de aula, com a observação da prática letiva. Este aspeto é considerado, por parte dos inquiridos, uma das alterações metodológicas do programa de AEE mais interessantes e impactantes (E2, E4, E6), já que a «observação da prática educativa ou letiva (...) exige um grande envolvimento dos docentes» (E1).

Encontramos no discurso dos respondentes a expressão da ideia de que a AEE é *indutora de melhoria organizacional*, quando as equipas avaliativas se permitem «apresentar sugestões, refletir com a escola» (E1) e concretizam uma «vertente formativa» (E1) da avaliação.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A análise dos resultados permitiu-nos concluir que, do ponto de vista dos inquiridos, o impacto da AEE nas organizações educativas reside na *indução de um esforço de autoconhecimento* («ter posto as escolas a fazer um esforço para pensarem por elas próprias, (...) a pensarem sobre si próprias, a fundamentarem as suas opções com base naquilo que conhecem do seu trabalho» (E3). De facto, o processo avaliativo permite «conhecer como e porque funcionam de um determinado modo as escolas, para compreender e explicar a sua natureza (formulação de teorias) e para melhorar a sua prática, enriquecendo a tomada de decisões» (Santos Guerra, 2003, p. 51). Segundo o discurso dos inquiridos, o *papel do inspetor na AEE é o de recolher e devolver informações* [«o inspetor vai ter acesso a uma panóplia de informação que lhe vai permitir identificar as áreas de melhoria e eventualmente propor algumas ações que ajudem a escola nesse processo de melhoria» (E1)]. A devolução de informação à escola e aos atores escolares acaba por ter um efeito de espelho, que pode resultar num «despoletar de outra forma de olhar para as suas práticas» (E2). Alguns estudos revelam que foi sobretudo a nível organizacional que os impactos e efeitos da AEE se fizeram sentir nas organizações escolares (Pacheco, 2016; Inácio, 2013; Oliveira, 2017).

A forma como as escolas veem a AEE parece estar intimamente relacionada com as classificações obtidas (E1, E2, E3). Contudo, a maior relevância dada ao programa de AEE parece ser atribuída pelos diretores escolares, que «sentem que a avaliação externa pode ajudá-los a fazer mexer com o resto da escola» (E3). A AEE surge igualmente associada à assunção de responsabilidades, podendo induzir a motivação das lideranças de topo e intermédias. Esta divergência de pontos de vista e de interpretações da realidade é natural (Alves, 1999; Santos Guerra, 2002), tanto mais que a realidade observada é de natureza altamente complexa. Porém, o retrato produzido pela AEE corre o risco de ser ilusório ou distorcido, por via do efeito de *marketing* da escola no reflexo proporcionado à equipa avaliativa.

O discurso dos inquiridos sublinhou a importância da autoavaliação no novo referencial do programa do 3.º ciclo da AEE, uma vez que constitui um domínio autónomo. Tal autonomia e destaque deve dar nota às escolas, segundo os inquiridos, da relevância do autoquestionamento, da autoanálise e do autorretrato. Como demonstram vários estudos, é desejável e até frutífera a articulação entre a avaliação externa e a autoavaliação (Castro & Alves, 2013; Fialho *et al.*, 2021; Gomes, 2011; Silvestre, 2013). Regista-se que, da percepção dos inquiridos, o *feedback que a AEE fornece às escolas avaliadas acaba por ser impulsor de mudança e por potenciar o desejo de melhoria*.



O facto de a AEE, neste 3.º ciclo avaliativo do programa, o chegar à sala de aula pode abrir portas para atividades rotinéticas de supervisão pedagógica (o desejável), incluindo a supervisão interpares.

Nas palavras de um dos inquiridos, o efeito de espelho da AEE resulta num «olhar externo, um olhar crítico, mas um olhar construtivo» (E4) de um determinado momento da vida de uma escola, potenciando «momentos de reflexão e de interação conjunta» (E4), capazes de resultar na melhoria organizacional desejada por todos os intervenientes no processo avaliativo, avaliados e avaliadores.

Alguns estudos mostraram, contudo que *apenas em algumas unidades de gestão escolar o potencial formativo da AEE foi aproveitado pelas escolas*. Assim, o efeito de espelho que se espera que a AEE consiga ter sobre as escolas, pode ou não concertizar-se, em função das dinâmicas próprias de cada uma das organizações escolares, isto é, das suas circunstâncias peculiares, da dinâmica dos seus atores e, sobretudo, da capacidade destes para aproveitarem a janela de oportunidade que o olhar externo abriu – o que pode permitir ultrapassar a função de prestação de contas, induzindo nos atores a ação que os capacite para a tomada de decisões e para a regulação consequente do funcionamento da sua escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, J. (1999). A Escola e as lógicas de acção – As dinâmicas políticas de uma inovação instituinte. Edições ASA.
- Alves, J. M., Machado, J., y Veiga, J. (2014). A promoção da autoavaliação nas escolas – a experiência do SAME, *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 14, 41-66.
- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Castro, H., y Alves, J. (2013). A avaliação de escolas: o gerenciamento da imagem ao serviço da legitimação. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 13, 49-82.
- Fialho, I., Saragoça, J., Silvestre, M.J., Correia, A. P., y Gomes, S. (2021). Dos impactos e efeitos da avaliação externa aos mecanismos de mudança nas escolas e na inspeção. In M. P. Bermúdez (Ed.), *Avances en ciencias de la educación. Investigación y práctica* (pp.81-87). Editorial Dykinson.
- Gomes, S., Silvestre, M. J., Fialho, I., y Cid, M. (2011). Modelos e práticas de (auto)avaliação em escolas do Alentejo. *Libro de Actas do XI Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía*. A Coruña. Universidade da Coruña [CD-ROM]
- Inácio, M. J. (2013). A Avaliação Externa da Escola: contributo para a promoção da qualidade institucional Estudo num Agrupamento de Escolas. Dissertação de Metrado. Universidade Aberta.
- Oliveira, M. P. (2017). *Avaliação Externa da Escola. Uma reflexão sobre o processo de regulação da escola*. Relatório de Atividade Profissional para obtenção do grau de Mestre. Universidade Católica Portuguesa.
- Pacheco, J. A. (2016). Resultados globais do projeto. In C. Barreira, M. Bidarra, & M. Vaz-Rebelo (Orgs.), *Estudos sobre Avaliação Externa de Escolas* (pp. 263–271). Porto Editora.
- Santos Guerra, M. (20003). Tornar visível o quotidiano – teoría e práctica de avaliação qualitativa das escolas.: Edições ASA.
- Silvestre, M. J. (2013). *Avaliação das escolas. Avaliação nas escolas*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora.